

**As Crônicas de**  
**FRANK MORGAN II**

A Mão Negra



**As Crônicas de**  
**FRANK MORGAN II**

A Mão Negra

**Stênio Benitz**

Edição III



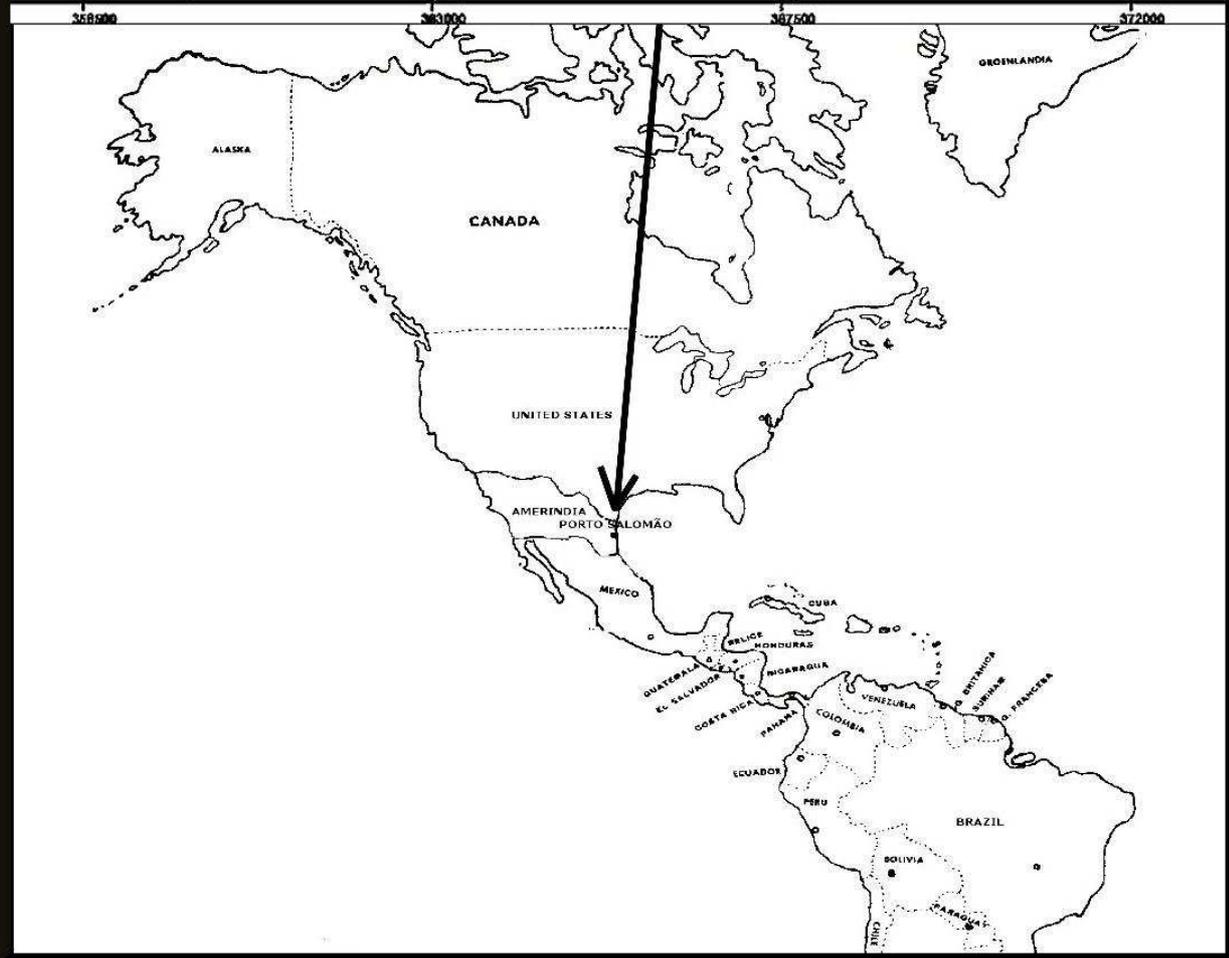
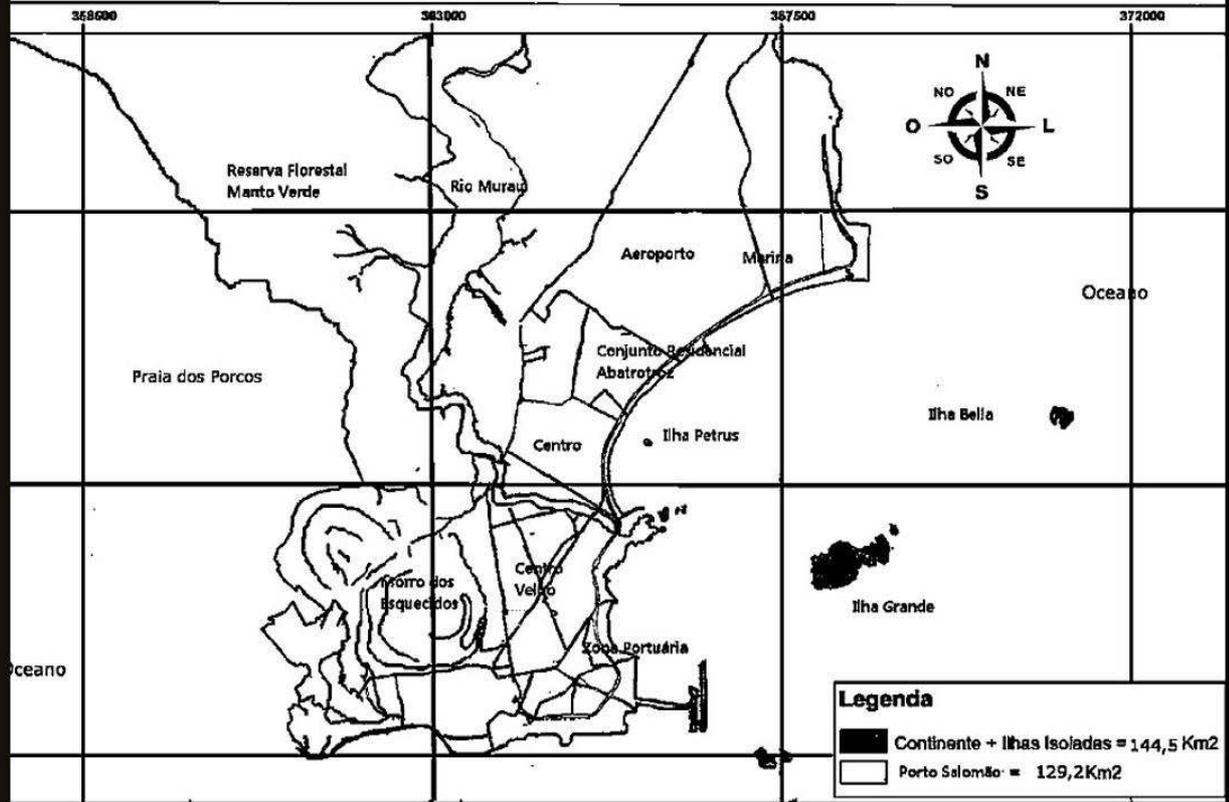
**2019**



“A nossa maior glória não reside no fato de nunca cairmos, mas sim em levantarmo-nos sempre depois de cada queda.”

Confúcio

# PORTO SALOMÃO DIVISÃO POLÍTICA



## Na edição anterior

Frank Morgan foi contratado por Juliete Friedrich para proteger uma estranha carga que seria transportada do aeroporto Pouso da Harpia ao cais da Baía Vermelha. Entretanto, o contrato era somente para envolver o detetive de modo que Friedrich pudesse localizar e sequestrar sua filha Pâmela, a qual seria usada no terrível ritual da Lua de sangue.

Frank para salvar Pâmela, desafiou Juliete e seus capangas. No entanto, foi aprisionado no fundo da embarcação Calvina que depois da explosão de um cilindro de ar, causada por um tiro, estava afundando. Para não se afogar o detetive teve que amputar a própria mão esquerda para se livrar das algemas que o prendia ao barco.

Mesmo com apenas uma mão, Morgan invadiu o prédio onde se realizava o macabro rito e com a ajuda de Edgar Capra da polícia de Porto Salomão conseguiram eliminar a cruel bruxa e destruir seu terrível plano de rejuvenescer à custa do sangue místico de Pâmela.

Frank lutando com apenas uma mão, teve que enfrentar a sensual e maléfica Dolores, que usando um Katana quase o matou, por sorte teve apenas o olho ferido pela pontada espada. Dolores foi a responsável pela morte da mãe de Frank e tantas outras vítimas, todavia, também foi abatida pela polícia quando já estava quase matando Frank.

Findado o episódio na Ilha Bella, os asseclas de Friedrich, que não morreram, foram presos. Contudo, mesmo não tendo sido conclusivo o plano da feiticeira, alguém, ou alguma coisa, resultou do terrível ritual.



## O interrogatório de Eliot Austranburg

Três horas da madrugada. Depois do episódio na Ilha Bella, já na delegacia, o chefe de cartório tomava a oitiva dos envolvidos na ocorrência; com exceção à policial Pâmela, que devido ao trauma pelo qual passou, teve seu depoimento postergado para uma melhor ocasião. O mesmo ocorreu com Morgan que estava internado se recuperando do implante da sua nova mão. Quanto a Eliot Austranburg, o chefe Edgar Capra fez questão de interrogar pessoalmente.

Da sala de interrogatório, com a porta ainda aberta, ele deu um recado a um policial no corredor:

— Juarez!

— Sim, chefe.

— Avise que não permitirei a interrupção de ninguém enquanto eu estiver “falando” com este “saco de bosta”. Nem mesmo dos rotineiros advogados de “porta de cadeia” — determinou Edgar, sob o olhar apavorado de Eliot.

— Sim, chefe! Mas tem uma coisa — impôs Juarez, chamando o chefe com um sinal. — Já tem um aí fora se dizendo defensor do prisioneiro, e não é um dos “adeogados” não. É um desconhecido e exige falar com o prisioneiro ou irá representar contra o senhor.

— Onde ele está?

— Na sala deles — respondeu o policial, apontando na direção.

— Espere aqui com o prisioneiro — determinou o chefe ao se dirigir ao reservado.

Antes de entrar, chamou um policial fardado e deu uma ordem:

— Não deixe ninguém entrar aqui.

Sem dizer nada, o policial se posicionou, logo após o chefe entrar, de costas para a porta, como um colosso.

— Então, o senhor é o representante do prisioneiro? Cadê sua credencial?

— E você é o delegado que restringe os direitos constitucionais do meu cliente. Cadê as suas?  
— desafiou o advogado.

O chefe se aproximou do pomposo causídico e fazendo que ia tirar o distintivo do bolso desferiu um certo soco no seu estômago. O advogado soltou um gemido e caiu de joelhos no chão, tossindo. O chefe, então, chegando por trás dele, aplicou-lhe uma chave de pescoço.

— Escute aqui, doutorzinho filho da puta: muitos homens morreram hoje, homens bons. Eles deixaram suas mães, mulheres e filhos chorando por causa das ideias malucas de uma neurótica. E eu estou há três dias sem dormir, por isso vou perguntar novamente: qual é a graça de vossa excelência e o seu número de ordem? — desabafou o chefe do departamento, soltando o pescoço do homem.

— Vou lhe dizer meu nome, mas antes me ajude a levantar — solicitou o defensor. — Sei... Sei que muitos policiais perderam... Hurf! Suas vidas hoje, mas isto não lhe dá o direito de passar por cima da lei!

Enquanto falava o doutor, ainda inclinado e com a cabeça baixa, após recuperar o fôlego, avançou e deu uma cabeçada na região abdominal de Edgar, jogando-o de encontro à parede.

A pancada foi forte o suficiente para balançar as estruturas do prédio. Os dois homens se atacam, rolando ambos no chão, e deram início a uma sequência de recíprocos socos e cotoveladas, até que o chefe, virando-se para cima do homem, desferiu uma série de sopapos.

O advogado, vendo que estava perdendo a contenda, levantou as mãos pedindo arrego. O chefe parou de bater.

Quase sem conseguir respirar, o homem declarou:

— Meu... Meu nome é... hulf! Meu nome é Samuel. Samuel Smith e o meu número é... 28536-8 — declarou o advogado, no mesmo instante em que Capra se levantava e puxava pelo braço mais uma vez o homem do chão.

— Muito... Muito bem, doutor. Meu nome é Edgar Capra, chefe geral do Departamento de Polícia de Porto Salomão, e meu número funcional está bem aqui, no meu distintivo — anunciou o policial.

De pé, os homens se recompuseram. Edgar deliberou pela última vez com o advogado Smith, enquanto este tentava conter com um lenço o sangramento do nariz quebrado.

— Eu não iria permitir que ninguém estivesse presente no interrogatório que eu vou desenvolver com seu cliente, mas agora que tivemos este civilizado diálogo, vou permitir. Acredito que o senhor, conhecedor dos acometimentos recentes, não vá interferir de maneira negativa.

— Acho que nossa conversa foi bem clara! Mas insisto que sejam mantidos os direitos do meu cliente — ponderou o causídico.

— Sem dúvida — respondeu.

Mais ou menos refeitos, os cidadãos saíram da sala e, como se nada tivesse acontecido, se dirigiram à sala de interrogatório, sob os olhares curiosos dos policiais, que notaram a face amarrotada e inchada, além do sangramento no nariz quebrado, do doutor advogado.

Ao entrarem na sala, Eliot Austranburg, vendo o seu advogado todo lanhado, ficou mais apavorado do que estava.

Com o advogado ao seu lado e tudo pronto, o chefe deu início a oitiva.

— Muito bem, senhor Eliot! Desde quando conhecia a doutora Juliete Friedrich?

— Co... Hã, hã! Conheci há uns dois anos no Canadá. Após conferir meu currículo, de engenheiro biomédico, contratou-me para trabalhar com ela.

— Fale-me sobre ela — determinou o policial.

— Ela não era de falar muito sobre sua vida pessoal, tanto que eu não sabia dessa história de que ela era imortal ou feiticeira, essas coisas...

— Fale-me sobre os milicianos que trabalhavam com ela.

— Ela os recrutou em vários países, a fim de que não tivessem nenhuma ligação com Porto Salomão. Todos sem registro de identidade; logo, entraram no país de forma ilegal, sem passaporte, é claro.

— Algum africano negro?

— Não. Nenhum!

— Tem certeza? — insistiu o chefe.

— De forma nenhuma. Eu lhe garanto — confirmou.

A confirmação deixou o policial intrigado. Se os homens de Juliete eram todos caucasianos, como então havia corpos de enormes negros engravatados entre as vítimas de Frank Morgan na autoestrada da Madeira?

Capra guardou este questionamento para si e prosseguiu.

— Conte-me sobre seus planos para sequestrar a policial.

— A policial, ou melhor, o sangue dela era a chave para a ressurreição dos corpos nos casulos e para a vitalidade da doutora Juliete por mais 70 anos.

— Você, sendo um cientista, acreditou mesmo nisso? — quis saber o chefe.

— A princípio, eu achei que fosse um devaneio por parte da doutora, mas quando me aprofundei na história da ilha e percebi a quantidade de gente rica que a procurava acreditando no feito, eu me empolguei e achei que fosse possível. Mas infelizmente agora sei que era tudo maluquice daquela lunática.

— Para que ela contratou Frank Morgan? — interrogou o policial.

— Juliete providenciou uma investigação a fim de chegar até Frank, pois ela sabia que Frank tinha tido um relacionamento com sua antiga... Digamos... “Namorada”. Mesmo tendo forjado a própria morte, Juliete descobriu que ela estava viva. Assim, dias antes do evento da Lua, Juliete a capturou. Ela estava morando em Buenos Aires, Argentina. Apesar de Vera negar... Ninguém consegue esconder que teve uma filha, assim, de uma hora para outra. Juliete descobriu que Vera teve uma menina com o ex-policia! Frank. Ela passou a seguir os passos de Frank para tentar chegar a sua filha, mas foi difícil, pois ele dificilmente mantinha contato com a moça. Desesperada, devido à proximidade do eclipse lunar, Juliete o contratou para fazer uma escolta e desencadeou uma sequência de acontecimentos envolvendo Frank, na tentativa de que a filha mantivesse contato com ele. Não deu outra — concluiu o assessor.

A sindicância transcorreu normalmente e de forma cortês. Sempre com o assentimento do advogado, Eliot respondeu todas as perguntas da autoridade policial, esclarecendo os planos bizarros de Juliete e sua participação no esquema até que, três horas depois:

— Seu cliente está liberado para sua audiência, doutor Smith. Entretanto, está preso por formação de quadrilha, coautoria de tentativa de homicídio e incitação à prática de cultos pagãos, tudo de acordo com a lei.

— Eu estou ciente das acusações, chefe. Contudo, meu cliente é inocente e vou provar — finalizou o advogado, no momento em que Eliot era conduzido por um agente à sala dos advogados.



## A reestruturação do mal

Uma hora antes, depois que os trabalhos policiais foram encerrados, o pessoal do recolhimento de cadáveres chegava ao cais com a macabra carga, incluindo os casulos para posterior entrega a seus respectivos reclamantes.

A viatura marítima estava ancorada no cais do porto no continente, em uma área reservada, para evitar a rotineira especulação da imprensa. Os oficiais transportavam os corpos para os rabeções, quando, ainda a bordo, um dos casulos automaticamente se abriu.

Junto com os gases dissipados, levantou-se um impávido homem. Ele arrancou bruscamente os tubos enfiados em seus braços e caminhou nu em direção aos quatro policiais. Estes quiseram reagir, mas não tiveram tempo, uma vez que foram logo dominados pelo olhar penetrante do homem. Ele não tocou nos policiais; ao contrário, saiu caminhando com passos elegantes em direção à rua, sem roupas.

Fixando o olhar, mais uma vez, ele parou um dos inúmeros táxis que passavam. O estranho homem entrou no veículo e determinou ao chofer, como quem já conhecia bem a cidade, que o levasse ao Hotel Paradise. O chofer, como que por encanto, obedeceu e seguiu em direção ao norte, estacionando, após poucos minutos, em frente ao hotel.

O estranho desembarcou do táxi e adentrou no magnífico prédio. O velho porteiro já ia impedir o homem sem roupas de ultrapassar a porta giratória, quando, olhando para seu rosto, desistiu.

Adentrando no saguão do recinto, sob o olhar reprovador dos hóspedes, ele, dirigindo-se ao elevador, determinou ao gerente no balcão da recepção:

— Providenciem uma boa refeição, um barbeiro, manicure, dentista e sir Robisbour, o alfaiate. Em 30 minutos, na suíte presidencial.

O administrador queria questionar e relutar, porém não conseguiu. Olhou para Ed, o carregador, e determinou que ele o acompanhasse, enquanto mandou o motorista do hotel buscar Robisbour onde ele estivesse.

— A esta hora da madrugada ele deve estar em sua mansão. Como vou entrar e... — questionou o chofer, sendo rapidamente interrompido pelo chefe.

— Vou ligar, idiota. Ele tem de atender ou estaremos todos em apuros. Agora vá!

O gerente do hotel nunca havia visto aquele homem antes, no entanto ele falava contundentemente em sua mente quem era e as consequências caso não fizesse o que ordenava.

Ed, meio a contragosto, pegou o elevador e conduziu o homem à suíte presidencial. Enquanto as empregadas providenciavam a limpeza do local, o estranho sujeito expulsava o velho barão Nietchestern III.

Com a cara vermelha igual a um pimentão, completamente nu e com duas mulheres novas usando apenas peças íntimas, o velho protestava.

— Que afronta! Nunca fui tão humilhado. Ed, faça alguma coisa. Como podem deixar um ser ultrajante como este entrar neste hotel e fazer isto? — esbravejou o barão.

— Olha, senhor, é melhor se acomodar no andar de baixo, pois, ao que parece, este cara aí não é pouca bosta não. Oh! Desculpe meu linguajar. Venha, espere-me lá embaixo que eu já vou atendê-lo — confortou o empregado, ao cobrir o velho com uma toalha retirada do armário do corredor e conduzi-lo à entrada do elevador com as duas moças.

Pouco depois o pobre Ed, fazendo das tripas coração, estava novamente à porta robusta de madeira de lei, enquanto adentrava cismado na luxuosa suíte.

As serviçais já tinha terminado arrumado a suíte.

— Entre! Venha aqui! — determinou o misterioso homem de dentro da imponente piscina de hidromassagem, fumando um dos charutos do barão. Ed, cabreiro, encaminhou-se até o ofurô.

— O senhor deseja mais alguma coisa?

— Tudo! Ainda não me deram nada! — falou o homem em alto e bom som. — E que espécie de lugar é este que permite prostituição? Achei que este fosse um lugar decente!

— Está falando das mulheres com o barão?! São suas... hã, hã... primas — amenizou o amedrontado Ed.

— É claro que são! Velho decrépito! Esbanjando o dinheiro da família com frivolidades, em vez de cuidar do câncer que o corrói — enfatizou o homem, com uma sabedoria singular sobre o velho barão.

— Diga, Ed. Quando vai parar de furtar pequenos objetos dos hóspedes do Paradise? Uma hora vão acabar descobrindo.

— Nã... Não, senhor. Não faço isso, não — desmentiu Ed, surpreso pela delação inesperada do homem.

— Não minta para mim, seu filho de uma vaca! Conheço você desde a época em que furtava lanche da mochila dos seus colegas de escola. Mas não se preocupe. Gosto de você. Por isso, vou guardar seu segredinho. Agora, providencie a refeição que pedi, e rápido — finalizou o estranho.

— Sua refeição está subindo e o resto do pessoal que pediu não vai demorar. Talvez quem possa demorar mais seja sir Robisbour...

— Sir Robisbour. Meu amigo alfaiate me deve muito. Ele será o primeiro a chegar. Eu lhe garanto.

O varão mal terminou a frase quando a campainha da suíte tocou. Ed abriu a porta. Eram elas. As pessoas que o misterioso homem havia solicitado, seguidas por Sir Robisbour, com seus equipamentos, pronto para atendê-lo.

— Agora saia, Ed. Este pessoal tem muito a fazer neste corpo — determinou o enigmático homem.

Ed, com as pernas trêmulas, tomou o elevador e saiu para seu quarto, a fim de se esconder e tentar entender como aquele homem sabia de tanta coisa sobre ele e sobre outras pessoas. Quem seria? O que fazia por lá?

Imaginou que, com certeza, ainda ouviria falar muito dele.

## O massacre

Milhares de quilômetros dali, uma remota tribo na África Central está em festa. Era a tradicional cerimônia do salto do touro, regada de comidas típicas e cervejas feitas de sorgo.

A cerimônia consistia no ato dos homens da tribo saltarem completamente nus sobre os touros alinhados, a fim de fazer parte dos membros adultos. Durante esses festejos, as mulheres, parentes do saltador, eram açoitadas e, por isso, tinham suas costas marcadas com cicatrizes. Era uma honra para elas, pois passariam a servir o homem que completasse a proeza.

Kamal perfez o percurso e rompeu os obstáculos. Conquistou o privilégio de, a partir daquela noite, ter os prazeres de Tafui. Assim aconteceu. Entretanto, logo que os dois adormeceram, após os incontáveis coitos, eis que se ouviu uma gritaria, seguida do barulho característico de disparos de fuzis AK-47. Tafui, curiosa, saiu da tenda e presenciou os casebres sendo incendiados.

Seu povo estava sendo capturado como animais. Eram laçados com redes ou laços e enjaulados em caminhões. Homens, mulheres e crianças. O mais bizarro no ataque era o destino dos anciãos. Eles eram fuzilados à queima-roupa, sem chance de defesa. Um verdadeiro massacre.

Kamal acordou e puxou Tafui para dentro da tenda, mas o seu ambiente estava sendo invadido pela fumaça do fogo que destruía o telhado. Então, de mãos dadas, Kamal tentou correr com Tafui para o mato, mas foram interrompidos pelo alcance de uma rede.

Capturado, o casal foi depositado, com outros membros de sua tribo, na carroceria de um caminhão-baú.

Foram horas de aflição naquele amontoado de gente; quem mais sofriam eram as crianças chorando diante de seus pais inertes pelos grilhões. Ao final de quase um dia, eles finalmente respiraram ar puro.

Sob constante ameaça dos fuzis dos subjugadores, eles foram transportados da carroceria dos caminhões para o interior de um navio. Todavia, diferentemente de antes, eles foram acomodados em celas, nos porões do navio, que mais pareciam apartamentos: havia banheiros, confortáveis beliches, bastante comida na geladeira, climatizadores de ambiente e circuitos de TV. Era um verdadeiro luxo, em comparação às suas humildes vidas.

O casal Kamal e Tafui, foi acomodado junto a outros dois casais. Eles se questionavam a respeito do que estaria acontecendo e para onde iriam, sem, entretanto, chegarem a uma conclusão.

No primeiro dia, ainda se ouvia um pouco de gritaria dos reféns. Já no segundo, Kamal foi retirado de sua cela-suíte e levado a uma espécie de enfermaria. Lá, foram feitos diversos exames no rapaz, inclusive coleta de sangue. Ao contrário dos guardas e seguranças, a equipe de saúde era simpática e atenciosa. Todavia, falavam em uma língua incompreensível para Kamal.

O refém africano foi reconduzido à cela, mas permaneceu por poucos minutos, sendo novamente retirado pelos guardas negros. Foi a última vez que Kamal e Tafui se viram.

Kamal foi forçado a andar por um longo trecho de corredores e mais corredores, circundados pelos enormes rebites. Não demorou muito e ele chegou a uma sala com um enorme alçapão aos seus pés, onde dava para ver, através das frestas, a água do mar em movimento ao fundo.

Devido ao barulho infernal do motor da embarcação, tornaram-se inaudíveis os disparos de fuzil que alvejaram o inocente jovem Kamal. Era o seu fim. Um dos executores acionou uma alavanca e o alçapão se abriu, jogando o corpo do rapaz na corredeira do imenso mar.

Sífilis. Foi o motivo para a execução de Kamal e mais 11 pessoas, assassinadas todas no mesmo dia e do mesmo jeito.

Tafui esperou inutilmente pelo seu amado durante todo o fim da viagem. Ele, obviamente, não apareceu. Restava a ela esperar junto aos seus conterrâneos para saber qual seria o seu destino.